

SUPEREU E PSICOSE: EXIGÊNCIAS TIRÂNICAS DE GOZO

*Breno Ferreira Pena** 

*Andréa Maris Campos Guerra*** 

RESUMO

Analisar, por meio do ensino lacaniano, as especificidades do supereu na psicose, em especial na paranoia, é o objetivo do artigo. Nesse contexto, dividiu-se as elaborações de Lacan em três décadas. Na década de 1950, definiu-se o supereu na psicose por meio de uma lei insensata, que se desvela como um “Tu deves” alucinado. Na década de 1960, caracterizou-se o supereu como objeto *a* (voz), que na psicose pode se encarnar em um Outro gozador. Já na década de 1970, formulou-se o supereu como a única instância psíquica que pode obrigar a gozar, e o excesso de gozo Outro na psicose como parte de suas exigências. Conclui-se pela importância de se entender o supereu na psicose de modo decantado no ensino de Lacan e como o delírio pode funcionar como uma invenção possível para lidar com a tirania superegoica.

Palavras-chave: Supereu, Psicose, Gozo, Tirania.

* Psicanalista. Pós-doutorado em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Doutor e Mestre em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG). Professor na Faculdade de Psicologia e no Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: brenopena@hotmail.com

** Psicanalista e Professora no Departamento e no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), onde coordena o Núcleo @PSILACS (Psicanálise e Laço Social no Contemporâneo). Doutora em Teoria Psicanalítica (UFRJ) com Estudos Aprofundados na Université de Rennes 2 (França). Bolsista de Produtividade 2 do CNPq. Professora visitante na França, Bélgica e Colômbia. Coordenadora do Projeto Editorial Decolonização e Psicanálise com a Editora n-1. Membro-fundadora da Rede RICA (Rede Internacional de Investigação em Psicanálise e Criminologia), do GT Psicanálise, Clínica e Política da Associação Nacional de Pesquisa em Psicologia (ANPEPP), da Rede Interamericana de Pesquisa e Psicanálise e Política (REDIPPOL), da Rede Internacional Coletivo Amarrações e da Rede internacional UBUNTU - Psicanálise e Decolonização. E-mail: andreamcguerra@gmail.com

SUPEREU AND PSYCHOSIS: TYRANNICAL REQUIREMENTS FOR ENJOYMENT

ABSTRACT

Our objective is to analyze, through Lacanian teaching, the specificities of the superego in psychosis, especially in paranoia. In this context, Lacan's elaborations were divided into three decades. In the 1950s, the superego was defined in psychosis by means of an unreasonable law, which is revealed as a hallucinated "You must". In the 1960s, the superego was characterized as an object a (voice), which in psychosis can be incarnated in an enjoying Other. Finally in the 1970s, the superego was formulated as the only psychic instance that can oblige enjoyment, and the excess of Other enjoyment in psychosis was presented as part of its requirements. It is concluded that it is important to understand the superego in psychosis in a way decanted in Lacan's teaching and how delirium can function as a possible invention to deal with superego tyranny.

Keywords: Superego, Psychosis, Enjoyment, Tyranny.

SUPERYÓ Y PSICOSIS: REQUISITOS TIRÁNICOS DE GOCE

RESUMEN

Analizar, a través de la enseñanza lacaniana, las especificidades del superyó en la psicosis, especialmente en la paranoia, es el objetivo de este artículo. En este contexto, las elaboraciones de Lacan se dividieron en tres décadas. En la década de 1950, el superyó se definió en la psicosis mediante una ley irrazonable, que se revela como un "debes" alucinado. En la década de 1960, el superyó se caracterizó como un objeto a (voz), que en la psicosis puede encarnarse en un Otro gozador. Ya en la década de 1970, el superyó se formuló como la única instancia psíquica que puede obligar al goce, y el exceso de Otro goce en la psicosis se presenta como parte de sus requisitos. Se concluye que es importante comprender el superyó en la psicosis de una manera decantada en la enseñanza de Lacan y además cómo el delirio puede funcionar como un posible invento para enfrentar la tiranía del superyó.

Palabras clave: Superyó, Psicosis, Goce, Tiranía.

Neste artigo buscaram-se demarcar as particularidades do supereu, retomando as principais referências desse conceito ao longo do ensino lacaniano, com o intuito de investigar seu funcionamento e suas especificidades nas psicoses. Com esse objetivo, para analisar as contribuições de Lacan frente a tal temática, optou-se em dividir o seu

ensino em três décadas (1950, 1960, 1970). Nesse contexto, o caso Schreber foi trabalhado nas três décadas como um fio condutor, pelo qual se buscou evidenciar as especificidades do supereu na psicose, por meio de um caso paradigmático para pensar a psicose desencadeada.

Inicialmente procurou-se localizar o supereu de Freud a Lacan. Assim, observou-se que ambos os autores demonstraram uma gula pulsional e destrutiva do supereu, que inexoravelmente se volta contra o sujeito. No entanto, para Freud, essa instância teria uma dupla origem ao ser simultaneamente representante disso e herdeira do complexo de Édipo, o que em certa perspectiva aproximava o supereu do Ideal do eu e da consciência moral. Já de acordo com Lacan, conforme elucida Vieira (2008), o supereu é a instância psíquica responsável apenas por exigir o gozo de modo imperativo: “O supereu, para Lacan, é, em vez da consciência moral (que fica reservada ao ideal do eu), pura exigência de satisfação que apenas diz “Gozal!” (p. 174). Um imperativo intransigente de gozo que, na psicose, pode se desvelar a céu aberto indicando toda a sua voracidade, como demonstrou Lacan ao longo de sua transmissão.

Na década de 1950, ele iniciou seus seminários fazendo uma releitura dos textos freudianos e definiu o supereu como uma lei insensata, sem dialética, que se apresenta por meio de um “Tu deves”, que se impõe de modo imperativo. Na psicose, todavia, esses imperativos do supereu podem aparecer ao retornarem no Real, na forma de alucinações que insultam, denigrem e perseguem o psicótico, o que demonstra a agressividade e a voracidade de tais imperativos. Isso ocorre na medida em que a psicose não conta com o significante Nome-do-Pai, que tem a função de metaforizar o desejo materno para possibilitar a constituição do sujeito do desejo. Assim, quando o psicótico é chamado a assumir uma posição simbólica que o remete à castração, por não possuir o Nome-do-Pai, pode ocorrer um rompimento da cadeia simbólica e o desencadeamento da psicose.

Já na década de 1960, Lacan marca uma virada em seu ensino voltando-se mais ao Real, ao campo do gozo. Nesse contexto, formulou o supereu em sua vertente mais Real, enquanto objeto *a* (voz) que se estabelecerá como a origem dessa instância, por meio de um processo de incorporação da voz do Outro. Um som sem nenhuma modulação significativa, que é incorporado enquanto objeto *a* (voz). Esse som seria,

assim, a pura exigência de gozo presente em todo ser falante. Mas se, na psicose, essa pura exigência de gozo pode se tornar um imperativo do supereu ao se ligar a um significante que retorna no Real na forma de alucinações que insultam o sujeito, com o delírio paranoico, tais imperativos tomam um contorno extremamente persecutório, no qual o psicótico se percebe como mero objeto do gozo do Outro.

Por último, na década de 1970, Lacan avança em sua concepção de um supereu Real e destaca uma nova forma de gozo que descreve como o Outro gozo, um modo de gozo desmedido, sem os limites da regulação fálica. Lacan, então, caracterizou esse gozo, que habitaria o feminino não-todo, como um gozo suplementar, que não pode ser posto em palavras. Uma modalidade de gozo que, quando em excesso, pode levar a mulher, que é não-toda, ao êxtase sexual ou à devastação. Porém, no psicótico, que não conta com a regulação fálica, se invadido por um excesso desse gozo Outro, isso ocorre de forma brutal. Uma pura intensidade que se apropria do seu corpo como uma coação ao gozo desmedido exercida pelo supereu. Esse fato acaba por favorecer o empuxo à mulher na psicose, já que esse empuxo se inicia por meio de uma desregulação do gozo, desencadeada pelo excesso desse gozo sem limites.

Diante disso, conclui-se que uma leitura transversal do supereu na psicose, no decorrer do ensino lacaniano, possibilita entender essa instância de modo enriquecedor, já que permite identificar melhor suas especificidades e seus truques, ou seja, detalhar seu funcionamento nessa estrutura. Vale frisar ainda que, se o supereu pode demonstrar toda a sua tirania na psicose desencadeada, se o psicótico chega à sistematização do delírio, esse delírio pode funcionar como metáfora delirante, o que lhe possibilitaria uma certa inscrição do gozo e, por vezes, até mesmo o seu consentimento. Então, isso o leva à estabilização e ao apaziguamento das exigências do supereu.

SUPEREU: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES DE FREUD A LACAN

O supereu foi formulado por Freud em 1923, no texto *O ego e o id*, por meio da segunda tópica, que concebeu o aparelho psíquico a partir de três instâncias: o eu, o isso e o supereu. Nesse texto, o supereu é trabalhado

praticamente como sinônimo do ideal do eu, mas também é caracterizado por Freud por meio de uma dupla vertente. É representante disso e herdeiro do complexo de Édipo, condição que manteve durante toda a sua obra (Gerez-Ambertín, 2003). Portanto, para Freud (1923/1996), o supereu não pode ser entendido apenas como resíduo das primeiras escolhas objetais do isso, já que, também como herdeiro do complexo de Édipo, se contrapõe a essas mesmas escolhas com todo o vigor.

O superego, contudo, não é simplesmente um resíduo das primitivas escolhas objetais do id; ele também representa uma formação reativa enérgica contra essas escolhas. A sua relação com o ego não se exaure com o preceito: '*Você deveria ser assim (como seu pai)*'. Ela também compreende a proibição: '*Você não pode ser assim (como seu pai)*', isto é, você não pode fazer tudo que ele faz; certas coisas são prerrogativas dele' (p. 47, grifos do autor).

Como representante do isso, o supereu encontra sua força pulsional que inexoravelmente atormenta o sujeito, mas que, a princípio, por se originar no isso, seria totalmente amoral e exigiria apenas a satisfação. Todavia, como é herdeiro do complexo de Édipo, o supereu também tem um alto padrão moral por assumir a função parental de vigiar, julgar e punir. Assim, o supereu consegue ser inescrupuloso e voraz em suas exigências, além de rígido e extremamente moral em suas cobranças. Há, portanto, um paradoxo que acompanha as formulações dessa instância em todo o percurso da obra freudiana (Pena, Moreira & Guerra, 2020).

A dupla origem do supereu no texto freudiano se constitui como um paradoxo que pode dificultar o seu entendimento. Não obstante, como ressalta Alberti (2019), a concepção de Freud sobre o supereu não pode ser trabalhada apenas por sua vertente de herdeiro do complexo de Édipo, que aproximaria mais o supereu da ideia de ideal do eu. É preciso considerar, por exemplo, que, já em no seu primeiro texto sobre o supereu, *O ego e o id*, Freud (1923/1996) destacou a relação dessa instância com a melancolia – que se traduz na cultura da pulsão de morte – demonstrando também de modo inequívoco que ele sempre caracterizou o supereu por seu lado pulsional mortífero ligando-o ao isso, como seu representante. Além disso, como sugere a autora, se pensarmos a melancolia como um tipo clínico próprio da psicose, Freud acabou por

construir e desvelar o funcionamento dessa instância de modo ímpar, porque o fez diante de seu funcionamento a céu aberto.

Para Freud (1924/1996), em *O problema econômico do masoquismo*, as relações entre eu, isso e supereu em contraponto com as exigências e contingências da realidade externa determinam as doenças psíquicas. Então, ele propõe que o papel do supereu deve ser pensado em todas as patologias, especialmente na melancolia, já que a caracterizou sobretudo como um conflito entre o eu e o supereu. No melancólico, o supereu pode usar de todo o seu sadismo alimentado pela pulsão de morte de maneira extremamente cruel, porque há um eu masoquista, que se sente inexoravelmente culpado e implora por castigos severos e intermináveis.

Na *Conferência XXXI: A dissecação da personalidade psíquica*, Freud (1933-1932/1996) ainda retoma especificamente suas articulações sobre o supereu, praticamente uma década após sua formulação e já mais ao final de sua obra. Nesse texto, ficou mais nítida a distinção entre supereu e ideal do eu, pois o supereu teria como uma de suas funções ser veículo do ideal do eu para poder avaliar, julgar e punir o eu. Assim, o supereu sempre observa o eu, inclusive seus pensamentos podem ser julgados e punidos. Essa instância severa invariavelmente estará à espreita, já que, frente ao eu, o supereu: “estabelece padrões definidos para sua conduta, sem levar na mínima conta suas dificuldades relativas ao mundo externo e ao id, e que, se essas exigências não são obedecidas, pune-o com intensos sentimentos de inferioridade e de culpa” (p. 82).

Como destaca Campos (2015), o supereu em Freud se mostrou por suas exigências impiedosas e terríveis, subsidiado por seu lado pulsional que muitas vezes acaba por levar o sujeito a dirigir sua agressividade contra si próprio: “A verdade do supereu é que ele é sempre a expressão última da pulsão de morte, que se manteve retida em silêncio no interior do ser humano” (p. 105). Portanto, Freud (1933-1932/1996) demonstrou o supereu com suas íntimas ligações com o isso e com a própria pulsão de morte. No entanto, as contribuições de Lacan se mostraram fundamentais, porque trouxeram um entendimento mais específico do funcionamento dessa instância e de seus imperativos mortíferos.

Na sua tese de doutorado *Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade*, em que trabalha a paranoia de autopunição, Lacan

(1932/1987) adentrou o campo da psicanálise justamente ao estudar a importância do supereu na passagem ao ato no caso Aimée. Alguns anos depois, no início de seu ensino, Lacan (1953-1954/1986), diferentemente de Freud, já separa o supereu do ideal do eu de modo marcante. Ele propõe que o supereu se estabelece a partir de vivências primitivas e destaca que, se o ideal do eu pode ser exaltante, o supereu por sua vez é constrangedor.

Para o psicanalista francês, o supereu seria a instância capaz de obrigar o sujeito a gozar. No *Seminário 20: Mais, ainda*, Lacan (1972-1973/1985) afirma: “Nada força ninguém a gozar, senão o superego. O superego é o imperativo do gozo – Goza!” (p. 11). O supereu, portanto, é de extrema importância para se pensar o lado mortífero que acompanha o ser humano e muitas vezes o leva a cumprir os terríveis imperativos de gozo dessa instância. Além disso, como ressalta o próprio Lacan (1973/2003) em *Televisão*, as exigências de gozo do supereu, desde as formulações freudianas, já deixavam transparecer a presença de uma gula estrutural e insaciável: “A gulodice pela qual Freud denotou o supereu é estrutural – não é efeito da civilização, mas um mal-estar (sintoma) na civilização” (p. 528).

No ensino lacaniano, ressalta Miller (2006), o supereu pode ser caracterizado por meio dos três registros: Imaginário, Simbólico e Real. No Imaginário, o supereu se constitui mediante sua encarnação em figuras ferozes e obscenas que surgem ligadas aos traumatismos primitivos do sujeito. No Simbólico, se apresenta a partir de uma lei insensata, imposta pelo supereu por meio de um S_1 (significante mestre), que funciona como um imperativo sem sentido. Trata-se da vertente simbólica do supereu, que se desvela em alguns casos de psicose, em que o psicótico pode escutar esse S_1 , enquanto alucinação. Já em sua vertente Real, o supereu pode ser representado como o objeto *a* (voz). Um objeto Real, que se traduz como a pura exigência ao gozo.

Gerez-Ambertín (2003) também considera válida a perspectiva de pensar o supereu em Lacan pelos três registros. Todavia, ressalta que, se no início de seu ensino, Lacan deu mais ênfase aos lados Imaginário e Simbólico do supereu, com o passar do tempo, a partir da década de 1960 até o final de seu ensino, é o lado Real que se destaca. Nessa vertente, o supereu desvela toda a sua gula insaciável de gozo, força pulsional e mortífera, que pode vir a precipitar a culpa, o fracasso e o próprio aniquilamento do sujeito.

Lacan descreveu o supereu, portanto, como a instância que exige o gozo e estará sempre atento e disposto a exercer tal função. Vejamos agora suas contribuições sobre as psicoses em consonância com seu desenvolvimento sobre o conceito de supereu.

UM “TU DEVES” ALUCINADO

Na década de 1950, Lacan trabalhou a psicose, em especial, a paranoia em dois momentos que se tornaram referência para pensar esse tema – o *Seminário 3: As psicoses* (1955-1956/2002) e o texto de um *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose* (1958/1998). Nesse período, em que deu primazia ao Simbólico, Lacan vai definir a psicose pela forclusão do significante Nome-do-Pai, o que ainda a colocou em uma certa perspectiva de déficit frente à neurose e à perversão. Todavia, já nesse momento Lacan avança muito na clínica das psicoses. Ele insistiu na importância de passar a palavra ao psicótico em vez de compreendê-lo. É preciso escutar o psicótico e levar a sério o que ele diz para conseguir entender suas especificidades e poder secretariá-lo como direção do tratamento.

Partindo do texto de Freud (1925/1996) *A negativa* e de *Introdução ao comentário de Jean Hippolite sobre a “Verneinung” de Freud* (1954/1998), Lacan propôs em seus primeiros seminários que o Simbólico se funda por meio de uma afirmação primordial, *Bejahung*, que inaugura a ordem simbólica. Então, o que é submetido à *Bejahung*, a afirmação primordial, pode ter diversos destinos, mas aquilo que sofre o golpe da *Verwerfung* primitiva, rejeição originária, terá um outro destino bem diferente. Lacan (1955-1956/2002) formula, assim, que na psicose há uma etapa da simbolização primitiva que não se realiza, o que determina sua condição.

Então, a condição essencial da psicose, o que a caracterizaria enquanto estrutura, seria a forclusão, a exclusão de um significante, que Lacan (1958/1998) nomeou como o significante Nome-do-Pai. O significante Nome-do-Pai é o organizador do Simbólico e funciona como um ponto de estofa que amarra a rede significante. Assim, o Nome-do-Pai é o significante que metaforiza o desejo materno e articula todo o sistema significante, levando o sujeito à significação do falo e à partilha dos sexos.

Em uma redução significativa de sua teoria, Lacan propõe no texto *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose* a fórmula que demonstra essa operação de metáfora:

$$\frac{\text{Nome-do-Pai}}{\text{Desejo da Mãe}} \cdot \frac{\text{Desejo da Mãe}}{\text{Significado para o sujeito}} \rightarrow \text{Nome-do-Pai} \left(\frac{A}{\text{Falo}} \right)$$

Fig. 1 – Fórmula da metáfora paterna

Fonte: Lacan, 1958/1998, p. 563.

Partindo dessa fórmula de Lacan, Soler (2007) ressalta que na paranoia, diferentemente da esquizofrenia, haveria a simbolização de um significante, o desejo materno (DM), mas sem se chegar ao lado direito da fórmula, que daria acesso à significação do falo. O paranoico, então, ficaria fixado em uma incógnita (x) que representaria para ele o significado para o sujeito na fórmula de Lacan. Assim, ele estaria inserido no lado esquerdo, na fração (DM/x), mas impossibilitado de metaforizar esse desejo materno com o significante Nome-do-Pai, pois esse significante foi foracluído.

Nesse contexto, a falta do Nome-do-Pai tem como consequência uma relação muito própria do psicótico com a linguagem, ponto que é fundamental para se entender as especificidades dos imperativos do supereu nessa estrutura. Diferentemente do neurótico, que habita a linguagem, o psicótico é habitado por ela. Lacan (1955-1956/2002) afirma que o psicótico é literalmente possuído pela linguagem. Nessa perspectiva, chega a algo que realmente é raro na neurose – a certeza: “Seguramente, a certeza é a coisa mais rara para o sujeito normal” (p. 90). Todas essas condições, portanto, não são sem consequências para os imperativos do supereu na psicose.

Nesse período de seu ensino, Lacan, vai definir o supereu por meio de um tu, que funciona como imperativo. Um tu intrusivo, que se impõe a partir de uma lei sem dialética e exige o castigo. O supereu, nessa perspectiva, funcionaria como um corpo estranho que se incrusta no ser humano para amaldiçoá-lo.

Para metaforizar seu pensamento, Lacan (1955-1956/2002), recorreu aos estudos de Isakower, que trabalhou as relações do supereu com a voz e se utilizou da experiência vivida por crustáceos, a dáfnia [pulga

d'água], em sua constituição corporal para demonstrar metaforicamente o caráter intrusivo do supereu. Trata-se de um pequeno crustáceo que, para manter seu equilíbrio, necessita incorporar em seu utrículo, que no princípio da vida fica aberto, grãos de areia vindos de fora, já que ele não os produz sozinho. Depois de incorporá-los volta a se fechar. Então, o crustáceo passa a ter pequenos guizos necessários a seu equilíbrio, os quais ele precisou trazer de fora, como frisa Lacan (1955-1956/2002), como corpo estranho.

É incrível que possamos esquecer que essa aresta primeira, que é aquela que nossa experiência analítica manifesta – que *tu* está aí como um corpo estranho. Um analista, o Sr. Isakower, chegou mesmo a compará-lo com o que se produz num pequeno crustáceo do gênero camarão que possui a propriedade particular de ter, no início de sua existência, a câmara vestibular, órgão regulador do equilíbrio, aberto para o meio marinho. Mais tarde, essa câmara vestibular será fechada, e compreenderá um certo número de pequenas partículas espalhadas no meio, que lhe facilitarão a adoção da posição vertical ou horizontal (p. 312).

Na psicose, todavia, esse corpo estranho, esse tu enquanto supereu, apesar de Lacan defini-lo como Simbólico, tem um caráter alucinado sob a forma de vozes de comando. Portanto, na psicose, o tu do supereu pode aparecer como um significante vociferado no Real, que funciona como imperativo, porque o sujeito se sente perseguido, coagido ao ouvi-lo.

A alucinação, como um significante que retorna no Real é para Lacan (1958/1998) um S_1 solto, devido ao rompimento da cadeia significante que ocorre no desencadeamento da psicose. Então, para Miller (2006), o caso Schreber demonstra de modo paradigmático a vertente simbólica do supereu como lei insensata, por meio desse S_1 alucinado de significação desconhecida, já que está desconectado da cadeia significante.

Em Schreber esse significante que retorna no Real surge, por exemplo, no instante em que Deus sussurra de modo constrangedor para ele: “*Luder!*” [Prostituta!] (Soler, 2007). Lacan (1958/1998) esclarece que *Luder* não deveria ser traduzido simplesmente como puta, significado mais recorrente dessa palavra na língua alemã, mas ser pensado como um significante arcaico que representa na língua fundamental uma espécie de armadilha, de logro, uma “isca” do Outro lançada como um significante

alucinado que invade e mortifica Schreber. Assim, “*Luder*” funcionou como imperativo do supereu, já que Schreber não se sentiu representado por essa afirmação e, ao mesmo tempo, ela o capturou e o atormentou excessivamente como um imperativo que retorna no Real. Vale frisar, segundo Figueiredo e Machado (2000), que Lacan retira a alucinação do campo das percepções e a coloca no campo do Outro como uma voz tirânica: “É uma voz direta que vem do Outro como imperativa, sem equívocos ou possíveis negociações” (p. 75).

Na psicose, quando o psicótico é convocado a assumir uma posição simbólica que o remete à castração, a falta do significante Nome-do-Pai propicia o rompimento da cadeia significativa, o que pode levar à alucinação de um significante mestre (S_1). Para Lacan (1955-1956/2002), se na dialética da neurose, é uma palavra que se articula enquanto recalcada, na psicose, ao contrário, algo de primordial do ser que não foi recalcado, mas rejeitado reaparece no Real: “Na relação do sujeito com o símbolo, há a possibilidade de uma *Verwerfung* primitiva, ou seja, que alguma coisa não seja simbolizada, que vai se manifestar no real” (p. 98).

Para Lacan (1958/1998), a experiência enigmática da psicose se centra no significante S_1 , que retorna no Real, enquanto alucinação. Todavia, ressalta que, se a princípio esse significante S_1 , ao retornar no Real, pode ser entendido por um vazio de significação, por ser um significante desgarrado e sozinho, ao se ligar a um S_2 , o saber delirante se transforma finalmente em certeza de significação.

Nesse contexto, em Schreber, Lacan (1955-1956/2002) demonstra que o supereu é um elemento sabotador que se volta contra o próprio sujeito, como corpo estranho que exige punição. Mas adverte que, em casos de psicose, os imperativos mortíferos e cruéis do supereu podem apresentar suas intimações na forma de um tu delirante.

Não posso me estender longamente sobre a relação que existe entre o superego, que nada mais é que a função do *tu*, e o sentimento de realidade. Não tenho necessidade de insistir pela simples razão de que isso está enfatizado em todas as páginas da observação do presidente Schreber. Se o sujeito não duvida da realidade do que ele ouve, é em função desse caráter de corpo estranho que apresenta a intimação do *tu* delirante (p. 312).

A certeza, própria ao delírio, que Lacan (1955-1956/2002) realça durante todo o *Seminário 3: As psicoses* como uma especificidade da estrutura psicótica, já que não há nada mais raro do que a certeza na neurose, também é um ponto-chave em relação aos imperativos do supereu. Schreber inicialmente tinha certeza de que seu corpo seria usufruído e depois descartado como o de uma prostituta, “*Luder!*”. Se o supereu exige imperativos nefastos a qualquer pessoa, na psicose, esse “Tu deves” como imperativo alucinado (S_1) aliado à certeza do saber delirante (S_2) pode se tornar ainda mais cruel e implacável. Com o estatuto de certeza, de verdade absoluta, os imperativos de gozo dessa instância podem deixar o psicótico em uma posição bastante vulnerável frente a tais exigências, então, por vezes, não encontra outra saída a não ser cumprir suas ordens.

As formulações de Lacan, já na década de 1950, avançaram no entendimento da psicose e do supereu. No entanto, foi na década de 1960, com a formulação do supereu como o objeto *a* (voz), que ele conseguiu construir um arcabouço teórico mais refinado para propor a origem e o funcionamento do supereu na psicose.

O SUPEREU OBJETO *A* (VOZ) E O GOZO DO OUTRO

Na década de 1960, ao formular o objeto *a* como Real, Lacan (1962-1963/2005) propôs mudanças em sua teoria, que tiveram desdobramentos sobre seu entendimento da psicose e do supereu. Esse momento de seu ensino marcou uma virada frente à noção de gozo e de desejo, já que, ao formalizar o objeto *a* como Real, pôde concebê-lo como objeto *a*: voz, olhar e como causa de desejo. Enfim, Lacan desvencilha o gozo do significante e começa a fazer uma torção, na qual avançou sobre sua concepção de Real (Miller, 2005).

Nesse contexto, para Lacan (1962-1963/2005), na neurose, o objeto *a* é extraído do campo do Outro, para compor a fantasia. Esta se constitui quando se dá a operação de extração desse objeto *a* como resto da divisão do sujeito frente ao desejo do Outro. Assim, como ressalta Jorge (2010), a partir da sua formação, a fantasia faz uma filtragem do puro gozo, que pode se tornar gozo fálico. O objeto *a* na fantasia, então, como objeto Real torna-se objeto causa de desejo.

Com efeito, em 1966, em nota de rodapé no texto *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose*, Lacan (1958/1998) ressalta que a extração do objeto *a* do campo do Outro e a própria divisão do sujeito, enquanto sujeito do significante (\$) formam os dois elementos da fantasia (\$ <> *a*), que será a tela na qual o sujeito vai interpretar a realidade. Portanto, em última instância, é a própria extração do objeto *a*, que é cooptado pela fantasia, que dá o enquadre final na sustentação da realidade para o sujeito.

Portanto, é como representante da representação na fantasia, isto é, como sujeito originalmente recalcado, que o \$, S barrado do desejo, suporta aqui o campo da realidade, e este só se sustenta pela extração do objeto *a*, que, no entanto, lhe fornece seu enquadre (Lacan, 1958/1998, p. 560).

Na psicose, todavia, não há essa extração do objeto *a* do campo da realidade, o que tem uma incidência direta na relação que o psicótico estabelece com o Outro. Em virtude disso, esse Outro se transforma em um Outro gozador, e o objeto *a*, enquanto voz e olhar, não se apaga, como ocorre na neurose, ao se estabelecer a fantasia. Então, como indica Miller (1996), o psicótico é invadido pela proliferação do objeto *a*: “A psicose vem evidentemente provar que a não extração do objeto é correlata de sua multiplicação” (p. 153).

Lacan (1962-1963/2005) destaca a função do objeto *a* (voz e olhar) nas articulações entre o desejo e o gozo. Todavia, demonstra o objeto voz como o mais original, já que é o primeiro modo de incidência do objeto *a* na constituição do sujeito. Além disso, é por meio desse objeto que ele vai propor a gênese do supereu: “Indiquei-lhes que não pode haver concepção analítica válida do supereu que se esqueça de que, por sua face mais profunda, essa é uma das formas do objeto *a*” (p. 321).

Para Gerez-Ambertín (2003), o supereu como objeto *a* (voz), ao qual ela se refere também como o supereu Real, é a grande descoberta lacaniana sobre essa instância nefasta de puro gozo, já que demonstra as origens do supereu em qualquer estrutura ou subjetividade. Trata-se do Real da linguagem que se insere de modo intrusivo como resíduo que fica à espreita para exigir seus imperativos de gozo. Extimidade que se refere à Coisa que é excluída no interior: supereu Real.

Uma voz, que deve ser diferenciada da voz significante, já que se apresenta como resto da voz do Outro, que é incorporado pelo sujeito. A voz é incorporada sem ser assimilada por ele. Essa incorporação da voz, então, é novamente exemplificada por Lacan (1962-1963/2005) por meio da metáfora da incorporação de grãos de areia feita pela pulga d'água para sobreviver. Mas se anteriormente ele colocou o significante como corpo estranho, agora quem assume esse lugar é o objeto *a* (voz), que será o elemento representado pelos grãos de areia. O que é incorporado, então, é o próprio objeto *a* (voz). Com isso, Lacan (1962-1963/2005) ressalta que a constituição dessa voz se dá desde fora. Ela se incrusta no âmago do ser do sujeito como um puro vazio que remete ao furo do Outro: “A voz, portanto, não é assimilada, mas incorporada. É isso que pode conferir-lhe uma função que serve de modelo para o nosso vazio” (p. 301).

A voz como objeto separado é inserida a partir do Outro, que, por sua inconsistência, faz com que essa voz ressoe em sua falta de garantia. A voz como objeto *a*, portanto, é uma voz não modulada, apenas vocalizada enquanto pura intensidade que deve ser desvinculada da harmonização significante. Essa voz enquanto supereu objeto *a*, portanto, é uma voz não dialetizada e não permite contestação. Assim, Lacan (1962-1963/2005) a descreve como um imperativo que exige obediência ou convicção. Um eco do Real, que retorna sobre o sujeito, como uma feroz exigência de gozo.

Nesse contexto, Lacan estabelece que as primeiras interações, comunicações, do bebê com o Outro demarcam o ponto essencial para explicar a voz, enquanto objeto *a*, mas ressalta que não se trata de um tipo de comunicação primitiva entre eles. Nesse momento da constituição do sujeito todos os instrumentos de comunicação estão do lado do Outro, o sujeito não tem nada a comunicar e o que lhe resta é apenas incorporar essa voz, enquanto resto, um puro som que vem do Outro. Trata-se, portanto, de um “Tu deves” do supereu sem nenhum atributo, que se apresenta como um puro gozo, enquanto objeto *a* (voz), que é literalmente incorporado pelo sujeito.

Na neurose, os imperativos de gozo do supereu se articulam ao fracasso da lei, aos pecados do pai para castigar o sujeito. Todavia, ela conta com o recurso da fantasia e com o objeto *a* como causa de desejo para diminuir a

potência e até mesmo a importância, por meio da análise, dos imperativos do supereu. No psicótico, por outro lado, que em sua estruturação psíquica não fez a extração do objeto *a* do campo do Outro, não conta com o mesmo recurso da fantasia neurótica, que pode estruturar o desejo enquanto causa. Então, o objeto *a* (voz) tem outro estatuto:

De que objeto se trata? Daquilo a que chamamos voz.

Nós o conhecemos bem, acreditamos conhecê-lo bem, a pretexto de conhecermos seus dejetos, as folhas mortas, sob a forma das vozes perdidas da psicose, e seu caráter parasitário, sob a forma dos imperativos interrompidos do supereu (Lacan, 1962-1963/2005, p. 275).

Schreber, por exemplo, como descreve Freud (1911/1996), era impelido a completar frases interrompidas. Na verdade, ele descreve que sentia a obrigação imperiosa, pode-se inferir superegoica, de completá-las. Tu és aquele que... Tu és... Na psicose, o supereu objeto *a* (voz) então, pode mostrar sua face de modo nefasto, por seus dejetos, seu caráter parasitário exigindo o gozo por imperativos que invadem o psicótico. Diferentemente da neurose, na psicose pela forclusão do Nome-do-Pai, o objeto *a* (voz), à revelia da castração simbólica, faz com que esses sujeitos possam ficar mais vulneráveis aos terríveis e cruéis imperativos do supereu.

Em 1966, Lacan publicou o texto *Apresentação das “Memórias de um doente dos nervos”* e, voltando ao caso Schreber, destacou a relação da paranoia com o gozo do Outro. Para Soler (2007), Lacan, que havia trabalhado o caso Schreber em um primeiro momento, na década de 1950, dando ênfase à articulação Simbólico-Imaginária, nesse texto, já na década de 1960, o retoma pelo viés Simbólico-Real, destacando o gozo e ligando-o ao significante num curto-circuito sobre o Imaginário. Lacan (1966/2003), todavia, não descarta suas elaborações anteriores, mas desenvolve a ideia de Schreber se colocar como objeto do gozo do Outro. Assim, o que ele buscou ressaltar é que a paranoia identifica o gozo no lugar do Outro como tal.

A temática que avaliamos pela paciência exigida pelo terreno em que temos que fazê-la ouvida, na polaridade – a mais recentemente promovida – do sujeito do gozo e do sujeito que o significante representa para um significante que é sempre outro, não estará nisso o que nos permitirá uma definição mais precisa da paranoia como identificando o gozo do Outro como tal? (Lacan, 1966/2003, p. 221).

O gozo do Outro em Schreber era vivenciado frente a um Outro gozador, encarnado por um perseguidor do qual ele se sentia objeto. Conforme afirma Figueiredo e Machado (2000) é importante destacar que: “Na psicose o gozo não é enigmático, é tirânico, nela o que temos é o gozo do Outro que xinga o sujeito e o humilha através do que as vozes lhe dizem” (p. 78). Imperativos de gozo que, quando articulados ao saber delirante, ganham sentido extremamente persecutório. A paranoia, como ressalta Quinet (2006), se constitui por meio desse delírio de um Outro, perseguidor, no qual o paranoico se localiza como objeto do gozo do Outro.

Em Schreber o Outro gozador foi ganhando corpo desde o início de seu delírio. Primeiro, esse Outro gozador que o perseguia de modo imperioso foi encarnado pela figura do doutor Flechsig e posteriormente por um Deus, que queria possuir Schreber sexualmente.

Ora, o que Schreber nos mostra em seu delírio é que esse deus morto do significante o absorve como seu objeto de gozo. É ele, Schreber, o objeto vivo com que Deus goza. Ele é usufruído por Deus, e é ele mesmo que identifica o gozo do Outro (Soler, 2007, p. 203).

O objeto *a* (voz) não é significante, é apenas a pura exigência do gozo, enquanto um supereu Real. Então, em Schreber essas exigências de gozo se articulam ao significante como um imperativo alucinado que retorna no Real (S_1) que, ao se ligar ao saber delirante (S_2), possibilitou a ele localizar-se, mesmo que a princípio a contragosto, como objeto do gozo do Outro, de Deus. Perseguido, observado, vigiado, maculado, difamado, invadido, abusado, violado por Deus, esse Outro gozador a serviço da gula de gozo do supereu objeto *a* (voz). O paranoico, portanto, por meio do saber delirante, acaba por localizar os imperativos superegoicos em função de um Outro gozador do qual se vê como objeto de gozo. Um Outro que persegue o psicótico de tal maneira, que como ressaltam Figueiredo e Machado (2000), por vezes, ele até mesmo ouve sua voz: “As alucinações nos casos psicóticos vêm de um Outro que goza dele, um Outro que para o sujeito existe, é consistente a ponto de falar com ele” (p. 76).

É importante ressaltar, no entanto, que, embora a posição de objeto do gozo do Outro ainda coloque Schreber à mercê dos imperativos

superegoicos, também é a partir dessa posição que foi possível a ele, por meio da construção de seu delírio, buscar uma saída para o Real que o invadia sem nenhuma significação. Então, por meio desse lugar de objeto do gozo do Outro ele pôde construir a metáfora delirante que representou seu ser de gozo frente ao Outro. Operação que faz uma certa inscrição do gozo no campo do Outro, em sua relação com Deus, e que ao final lhe concedeu um lugar como a mulher desse mesmo Deus.

Adentrar o campo do gozo com o objeto *a* (voz) abre boas possibilidades para se pensar o supereu nas psicoses. Todavia, na década de 1970, Lacan trabalhou um novo modo de gozo, o Outro gozo, o que também contribuiu para se entender algumas especificidades dessa relação entre o supereu e a psicose.

A COAÇÃO AO GOZO OUTRO E O EMPUXO À MULHER

Na década de 1970, Lacan destaca ainda mais o lado Real do supereu, sua gula estrutural como a pura exigência de gozo. Assim, ele propõe que o supereu é um apelo ao gozo da não castração (Lacan, 1971/2009), que é a única instância psíquica que pode obrigar o sujeito a gozar (Lacan, 1972-1973/1985) em uma pura coação ao gozo que lhe obriga a dizer (Lacan, 1976-1977). Nesse contexto, pode-se propor que Lacan ratifica e avança frente à perspectiva do supereu, como objeto *a* (voz), ou seja, o supereu em sua vertente mais Real, que tem uma gula insaciável e no fundo apenas um objetivo: *Goze!*

Paralelamente, ele formulou, no *Seminário 20: Mais ainda*, o gozo Outro, modo de gozo desmedido, que habita o feminino não-todo. Lacan (1972-1973/1985) o nomeia como o gozo suplementar. Um gozo que, por não ser marcado pelo significante, se torna algo que não tem como ser dito pela mulher, já que o vivencia como uma experiência de êxtase sexual: “talvez ela mesma não saiba nada a não ser que o experimenta – isto ela sabe” (p. 100). Assim, como destaca Zalberg (2007), quando esse modo de gozo se encontra em excesso – como já se constitui por ser sem limites – pode ter como efeito o êxtase sexual ou se apresentar como um gozo suplementar devastador: “O gozo feminino pode ter esse vínculo direto e sem resistência com a vida pulsional, o que explica encontrarmos

na mulher não só a sexualidade em êxtase e transes, mas também em uma dimensão mortífera” (p. 144).

O gozo fálico é aquele viabilizado pela operação da castração, um gozo sexual, descontinuo e regido pela fantasia. Já o gozo suplementar, que não é complementar, como ressalta Soler (2005) é inominável e sem limites: “Ao contrário do gozo fálico, o gozo outro, suplementar, ‘ultrapassa’ o sujeito. Para começar, por ser heterogêneo à estrutura descontinua dos fenômenos regulados pela linguagem, com a consequência de que esse gozo não é identificatório” (p. 56). É preciso ressaltar, no entanto, que, no caso da mulher, ela é não-toda, o que significa que conta o gozo fálico, que faz uma mediação ao Outro gozo e o torna suplementar. Na psicose, todavia, que não conta com a referência fálica, a condição é outra.

A introdução de uma distinção clara entre duas modalidades do gozo, no ensino de Lacan, contemporâneas às fórmulas da sexuação, abriu a possibilidade de um avanço importante na investigação da psicose. O psicótico, como *A mulher*, conhece um gozo Outro, que pertence ao corpo, mas, à diferença do feminino que conta com o falo como relé (Goyatá, 2008, p. 4).

Assim, o gozo Outro na psicose, que não conta com a significação fálica como mediação, é um modo de gozo que em certos momentos consegue se apresentar em tal intensidade, que desvelaria a gula Real do supereu como a expressão do próprio insuportável, puro gozo, que pode perpassar a psicose. Nesse contexto, se na psicose os imperativos do supereu se constroem por meio de um S_1 alucinado, que ordena uma lei insensata e cruel, no âmago dessa instância é sua gula Real como a pura coação ao gozo enquanto apelo a não castração que predomina.

Nessa perspectiva, da pura coação ao gozo, que pode ser exercida pelo supereu a partir de um gozo sem limites na psicose, destacam-se alguns episódios em Schreber, nos quais prevaleceu esse modo de gozo Outro. Primeiro, quando ele tem fenômenos corporais repletos de um excesso de gozo desmedido. As inomináveis volúpias de pura intensidade que no desencadeamento da psicose invadiram seu corpo a sua revelia. Fenômenos que se caracterizaram apenas como uma pura coação ao gozo desmedido, que o deixou perplexo e angustiado. Não obstante, segundo

Miller (1996), houve outros momentos de uma exclusão absoluta do significante, nos quais houve a prevalência de um gozo Outro sem limites em Schreber. Quando se encontrava apartado do delírio com o Outro divino, ele se confundia com o objeto rejeitado. Instante de pura coação ao gozo que o autor sublinha como “o deixar largado” de Schreber: “É o termo pelo qual ele denota o momento de sua separação do Outro divino, momento de sofrimento atroz, de desamparo fundamental. Nele, o sujeito se confunde com um objeto rejeitado” (p. 166).

Lacan (1958/1998) já havia destacado que a relação de Schreber com Deus, fruto de um processo de feminização diante de Deus foi fundamental para ele, pois ser mulher de Deus funcionou como metáfora delirante e Schreber obteve ao longo do tempo efeitos de estabilização e apaziguamento. No entanto, posteriormente, Lacan (1973/2003) retomou essa ideia e propôs que esse processo teve seu início na própria desregulação do gozo, que precipitou o empuxo à mulher em Schreber como algo sarcástico: “Desenvolvendo a inscrição que fiz da psicose de Schreber por uma função hiperbólica, poderia demonstrar, no que ele tem de sarcástico, o efeito de empuxo-à-mulher” (p. 466).

Como frisa Maleval (2002), o que é sarcástico para Lacan no efeito de empuxo à mulher em Schreber se refere a algo que é comum no desencadeamento das psicoses. Trata-se das alucinações que ele ouvia e que eram insultos, um verdadeiro escárnio devido às impertinências sardônicas do simbólico, mas que já funcionavam como esse primeiro forçamento ao campo do Outro. Isso ocorre, porque essas alucinações, embora sem sentido, já são um significante, ainda que fora da cadeia e vociferado no Real. Assim, para Lacan (1973/2003), tratava-se de um: “Efeito sentido como de forçamento para o campo de um Outro a ser pensado como o mais estranho a qualquer sentido” (p. 466).

O testemunho de Schreber indica que o empuxo à mulher surgiu quando houve essa desregulação do gozo. Então, ele foi acossado por um gozo desmedido, sem limites, que demonstrou toda a sua carência frente à função fálica. No início do desencadeamento da psicose, o empuxo à mulher é efeito de uma desregulação do gozo causada por um excesso pulsional que se qualifica pelo gozo sem limites. Todavia, à medida que inicia o trabalho do delírio face ao empuxo à mulher, o

psicótico pode favorecer certa regulação desse gozo e até mesmo seu consentimento (Maleval, 2002).

Assim, se o empuxo à mulher em Schreber ocorreu por meio do gozo Outro, que em excesso e sem a regulação fálica invadiu seu corpo de modo voraz, como pura intensidade, foi por meio de suas alucinações que retornaram no Real como S_1 e da construção de um saber delirante referente a elas (S_2) que ele localizou seu gozo. Um modo de gozo que, a partir de então, ele articulou delirantemente àquele que o perseguiu enquanto objeto. O delírio, portanto, promoveu a localização do gozo como gozo do Outro (Deus). No início, isso se deu como algo que ainda o aterrorizou, mas que com a sistematização delirante passou a consentir, já que ser mulher de Deus teria a nobre função de salvar toda a humanidade.

Houve alterações no posicionamento diante do empuxo-à-mulher. Se no início este efeito era insuportável, ao final ele consente em ser transformado em mulher. Embora o cerne do delírio permaneça inalterado – transformação em mulher –, há uma mudança entre o primeiro e o segundo tempos. A transformação, que se resumia a sofrer abusos sexuais, ganha uma solução elegante: ser a Mulher de Deus e, fecundado pelos raios divinos, dar origem a uma nova humanidade (Gama & Bastos, 2010, p. 148).

Diante disso, o empuxo à mulher na psicose de Schreber o levou à estabilização por meio de uma solução que se deu pela metáfora delirante construída minuciosamente por ele, o que lhe permitiu escrever seu livro autobiográfico. Nessa perspectiva, o delírio possibilitou um certo apaziguamento dos imperativos do supereu, o que diminuiu de algum modo seu sofrimento e sua angústia.

PARA CONCLUIR

Em sua vertente Real, o supereu é uma exigência de puro gozo. Assim, pode-se desvelar sua gula quando há um excesso de gozo Outro na psicose. Um modo de gozo totalmente descolado do significante, que ocorre por meio de uma pura intensidade que invade o corpo do psicótico a sua revelia como uma coação ao gozo sem limites exercida

pelo supereu. Diante do excesso desse modo de gozo, a princípio, só restam ao psicótico a angústia e a perplexidade.

Na neurose, pela presença do significante Nome-do-Pai, o sujeito é dividido e tem o objeto *a* como causa de desejo, o que lhe possibilita, mesmo que em parte, não dar ouvidos às ressonâncias do supereu. Na psicose, por outro lado, com a forclusão do Nome-do-Pai e a não extração do objeto *a* do campo do Outro, o psicótico pode até mesmo ouvir os imperativos de gozo do supereu.

O supereu, enquanto objeto *a* (voz), no entanto, só pode ser ouvido por meio de seus dejetos, quando o psicótico escuta seus imperativos na forma de uma alucinação (S_1). Tais alucinações têm um caráter imperativo, constrangedor, superegoico, mas já promovem um primeiro forçamento ao campo do Outro, por meio do significante alucinado. Além disso, na paranoia se esse S_1 puder se juntar a um S_2 , saber delirante, pode promover a localização do gozo como gozo do Outro, por meio da figura delirante de um Outro perseguidor que colocaria o psicótico como mero objeto de seu usufruto.

É importante destacar, ainda, que, na psicose, quando o delírio chega a funcionar como metáfora delirante, pode apaziguar as terríveis exigências do supereu. Nesse caso, além da localização do gozo como gozo do Outro, há o consentimento ao gozo do Outro, o que diminui seu caráter coercitivo, apaziguando os imperativos do supereu. Mas essa instância nefasta sempre estará à espreita para acuar o psicótico, mesmo após a sua estabilização. Seu objetivo é tentar recuperar o gozo Outro em toda a sua intensidade e a força de seus imperativos tirânicos. Foi o que revelou o próprio caso Schreber que, mesmo depois de sua estabilização, quando sua esposa sofreu um derrame cerebral, ele mais uma vez se desestabilizou e novamente voltou a ser internado.

Conclui-se pela importância da investigação do supereu na psicose no ensino lacaniano de modo atento e decantado. Isso, todavia, sem o intuito de desvendar todos seus labirintos e mistérios, mas buscando delimitar um substrato teórico mais refinado que contribua com o entendimento dessa instância na psicose, frente à enorme relevância do tema.

REFERÊNCIAS

- Alberti, S., Santos, C., & Beteille, I. (2019). A extimidade do supereu e um sujeito melancolizado. *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, 22(4), 782-802. Recuperado em 01/11/2022 em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/CqwPqyXvsFXvgypZcqgb7jP/?lang=pt>
- Campos, S. (2015). *Supereu/ueropus: das origens aos seus destinos*. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise - Seção Minas Gerais.
- Figueiredo, A. C., & Machado, O. M. R. (2000). O diagnóstico em psicanálise: do fenômeno à estrutura. *Ágora*, 3(2), 65-86. Recuperado em 01/11/2022 em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/Nsq79hc7Wh5VP3jhygtvsrD/?lang=pt>
- Freud, S. (1996a). A negativa. In Freud, S. *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 19. pp. 265-269). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1925).
- Freud, S. (1996b). Conferência XXXI: A dissecação da personalidade psíquica. In Freud, S. *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 22, pp. 63-84). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1933).
- Freud, S. (1996c). Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia. In *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 12, pp. 21-87). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1911).
- Freud, S. (1996d). O ego e o id. In *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 19, pp. 27-80). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1923).
- Freud, S. (1996e). O problema econômico do masoquismo. In *Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 19. pp. 177-188). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1924).
- Gama, V. C., & Bastos, A. (2010). A feminilização da psicose: empuxo-à-mulher e erotomania. *Psic. Clin.*, 22(1), 141-156. Recuperado em 01/11/2022 em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652010000100009
- Gerez-Ambertín, M. (2003). *As vozes do supereu: na clínica psicanalítica e no mal-estar na civilização*. São Paulo/Caxias do Sul: Cultura/EDUCS.

- Goyatá, F. J. R. O gozo feminino, a erotomania e a eviração na psicose. *CliniCAPS* [online]. (2)4, 2008. Recuperado em 01/11/2022 em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-60072008000100004#:~:text=Experimenta%20a%20sensa%C3%A7%C3%A3o%20de%20que%20seu%20corpo%20se,interposi%C3%A7%C3%A3o%20do%20falo%2C%20articula-se%20ao%20gozo%20do%20homem
- Jorge, M. A. C. (2010). *Fundamentos de Freud a Lacan, vol. 2: a clínica da fantasia*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (1985). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. (M. D. Magno, trad.) Rio de Janeiro: Zahar. (Seminário proferido em 1972-1973).
- Lacan, J. (1986). *O seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud*. (B. Milan, trad.) Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Seminário proferido em 1953-1954).
- Lacan, J. (1987). Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade. Rio de Janeiro: Forense Universitária. (Trabalho original publicado em 1932).
- Lacan, J. (1998). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In Lacan, J. *Escritos*. (V. Ribeiro, trad., pp. 537-590). Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1958).
- Lacan, J. (1998). Introdução ao comentário de Jean Hippolite sobre a “Verneinung” de Freud (1954). In J. Lacan, *Escritos*. (V. Ribeiro, trad., pp. 370-382). Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1954).
- Lacan, J. (2002). *O seminário, livro 3: As psicoses*. (A. Menezes, trad.) Rio de Janeiro: Zahar. (Seminário proferido em 1955-1956).
- Lacan, J. (2003). Apresentação das “Memórias de um doente dos nervos” (1966). In: J. Lacan, *Outros escritos*. (V. Ribeiro, trad., pp. 219-223). Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1966).
- Lacan, J. (2003). Televisão. In: J. Lacan. *Outros escritos*. (V. Ribeiro, trad., pp. 508-543). Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1973).
- Lacan, J. (2005). *O seminário, livro 10: A angústia*. (V. Ribeiro, trad.) Rio de Janeiro: Zahar. (Seminário proferido em 1962-1963).
- Lacan, J. (2009). *O seminário, livro 18: De um discurso que não fosse semblante*. (V. Ribeiro, trad.) Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Seminário proferido em 1971).

- Lacan, J. O aturdido. In J. Lacan, *Outros escritos*. (V. Ribeiro, trad., pp. 448-497). Rio de Janeiro: Zahar. p. 448-497. (Obra original publicada em 1972).
- Lacan, J. *O seminário, livro 24: L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*. (Seminário proferido em 1976-1977). Inédito.
- Maleval, J.-C. (2002). *La forclusión del nombre del padre: em concepto y su clínica*. Buenos Aires: Paidós.
- Miller, J.-A. (1996). *Matemas I*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Miller, J.-A. (2005). Introdução à leitura do seminário 10 da angústia de Jaques Lacan. *Opção Lacaniana*, 43, 7-91, maio, São Paulo: Eolia.
- Miller, J.-M. (2006). A clínica do supereu. In Miller, J.-M. *Recorrido de Lacan*. (pp. 131-147). Buenos Aires: Manantial.
- Pena, B. F., Moreira, J. O., & Guerra, A. M. C. (2020). O supereu em Freud e Lacan: da moralidade à amoralidade, uma gula estrutural. *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, 23(1), 37-56, 2020. Recuperado em 01/11/2022 de: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/Kcc7XvjKhYzxYyFnPdCxSvJ/#:~:text=A%20perspectiva%20lacaniana%20sobre%20o%20supereu%20atribui%20a,objetivamente%20o%20supereu%20e%20o%20ideal%20do%20eu>
- Quinet, A. (2006). *Psicose é laço social: esquizofrenia, paranoia é melancolia*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Soler, C. (2005). *O que Lacan dizia das mulheres*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Soler, C. (2007). *O inconsciente a céu aberto da psicose*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Vieira, M. A. (2008). *Restos: uma introdução lacaniana ao objeto da psicanálise*. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- Zalcborg, M. *Amor paixão feminina*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

Submetido em: 08/12/2022

Revisado em: 07/03/2025

Aceito em: 22/12/2025